

Violência e Sustentabilidade *

Uma menina reclamou sentida e veementemente com a avó quando a viu arrancando uma planta. Ela lhe disse que ela não podia fazer isso, porque estaria matando a natureza. A avó, surpresa com a seriedade e a importância que a criança atribuía ao fato, respeitou seu pedido e observação. Essa menina tem 5 anos, mora num vilarejo do interior do Estado do Rio de Janeiro e estuda numa escola pública, despida de qualquer conforto e benfeitoria. Fiquei pensando naquela criança, fruto de uma família estruturada e que aprendeu na escola o que começava a ensinar para a própria família. Com espaço familiar reconhecido e sua nova inserção social na escola, ela exercia sua responsabilidade social e cidadania. As crianças têm um poder afetivo que pode se transformar em poder efetivo em suas famílias. De que maneira isso acaba, às vezes, sendo desperdiçado ou destruído?

Pode-se pensar que a informação e o ensinamento na escola tenham sido fundamentais para a atitude da menina mas ainda que isto seja importante está longe de ser o determinante. A informação caiu em terreno fértil e tornou-se um conhecimento integrado emocionalmente. Quantas pessoas, crianças ou adultos, recebem informações que despertam apenas indiferença?

No Google, define-se por “**Desenvolvimento Sustentável** um modelo econômico, político, social, cultural e ambiental equilibrado, que satisfaça as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”. Esta concepção começa a se formar e difundir junto com o questionamento do estilo de desenvolvimento adotado, quando se constata que este é ecologicamente predatório na utilização dos recursos naturais, socialmente perverso com geração de pobreza e extrema desigualdade social, politicamente injusto com concentração e abuso de poder, culturalmente alienado em relação aos seus próprios valores e eticamente censurável no respeito aos direitos humanos e aos das demais espécies.”

O conceito de sustentabilidade é extremamente rico e complexo e podemos partir dele para trabalhar a relação proposta no título dessa mesa. Quando ele diz “.....sem comprometer a capacidade das gerações futuras de

* Evento Comemorativo dos 100 anos da IPA
Aberto ao público

satisfazer suas próprias necessidades” ele introduz e supõe a capacidade para a alteridade e o reconhecimento da existência independente do outro; isso implica a passagem da ilusão de onipotência inicial para a aceitação da desilusão com a renúncia ao narcisismo onipotente e a discriminação eu/não eu. A preocupação com o outro, com a continuidade e preservação da vida dos próximos que virão pressupõe, além disso, o reconhecimento da diferença de gerações, e todas essas capacidades juntas significam um importante desenvolvimento emocional que fala da experiência vivida dos limites e da própria aceitação da morte. É difícil chegar a isso mesmo numa análise individual.

A capacidade para a preocupação implica integração e crescimento e se relaciona de modo positivo com o senso de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que concerne aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos. A preocupação supõe a possibilidade de suportar a ambivalência, isto é, suportar a coexistência de impulsos amorosos ao lado de impulsos destrutivos que agredem e trazem risco ao objeto amado. É muito doloroso o contato e reconhecimento dos próprios impulsos destrutivos e a capacidade para a preocupação inclui esse reconhecimento. Os processos de maturação formam a base do desenvolvimento emocional da criança mas fica claro que certas condições externas são necessárias para que eles se realizem, isto é, o desenvolvimento depende de um ambiente suficientemente bom.

Não sei se pode parecer um paradoxo mas a globalização com toda a amplificação de espaços e relações de rede que ela possa implicar me leva a pensar em limites. Quanto mais aumenta a informação e comunicação mais entramos em contato com o que antes era tão distante que não existia. Agora estamos todos próximos e vivemos todos no mesmo espaço onde a cada dia há mais pessoas.

O reconhecimento do limite e da finitude é condição para a manutenção da vida. Até há pouco, o homem relacionava-se com a Terra como se ela fosse o sonhado seio inesgotável, com recursos inesgotáveis, parte do poético e infinito universo, que não exigiria dele uma relação discriminada eu/não-eu e, ao contrário, seria uma espécie de continuidade dele. A ilusão deve acabar e o narcisismo deve ceder lugar à diferença, ainda que isso não seja fácil. O planeta é um Outro. Ele deve ter também limites e necessidades que precisamos conhecer. Não é só o indivíduo que morre; devemos pensar que também o planeta pode ter um fim e que isso pode estar ligado à nossa destrutividade. Mas diante do atropelamento e descaso com os limites é possível pensar que os homens têm uma voracidade, uma ganância doente que os leva ao recalque da realidade e à alucinação negativa do que contraria o sentimento de onipotência de um narcisismo de morte. Trabalhando com a neurose, os psicanalistas reconheceram a enorme

importância da sexualidade mas é necessário sublinhar devidamente a importância da destrutividade humana. As pessoas devem aprender a reconhecer a destrutividade do homem. Na falta de condições que favoreçam o processo de diferenciação e a internalização do limite, este necessariamente terá de vir de fora. Isso nos leva a olhar para os recentes terremotos, vulcões e tempestades como se a natureza estivesse gritando e respondendo aos maus tratos do homem.

Atualmente, na clínica psicanalítica, somos levados a trabalhar a destrutividade, através da chamada clínica da contemporaneidade. É também chamada de clínica dos pacientes difíceis, dos pacientes limite, aqueles que não conseguiram consolidar os limites necessários para sua estruturação e que ficam imersos na agonia da confusão psíquica e da indiferenciação que não permite a consolidação da própria identidade. Precisam realizar a integração da própria destrutividade sendo, para isso, fundamental discriminar o próprio potencial agressivo das reações agressivas às ameaças de invasão.

Preservar o mundo para as gerações futuras supõe além do reconhecimento do outro uma atitude amorosa e generosa diante dele.

Por que a menininha do início desse texto já sabia disso e era capaz de cobrar da avó as conseqüências de seus atos? Como despertar um número maior de pessoas tornando-as mais conscientes da importância de sua participação?

Através da presença de uma mãe continente, o bebê vai ser capaz de passar de um estado inicial indiferenciado de ilusão de onipotência para uma relação diferenciada eu/não-eu, eu/mundo externo. Para que isso aconteça, a presença da mãe deverá metabolizar os excessos, de tal maneira que a sua experiência de relação com o mundo não seja invadida e, assim sendo, traumática, permitindo ao bebê uma relação de dentro para fora, onde através de seu próprio investimento, ele cria ou vive uma relação pessoal com o mundo. A capacidade para pensar, simbolizar e representar as próprias experiências vai ser desenvolvida a partir das primeiras experiências emocionais com a presença integradora da mãe.

Sabemos que uma das origens da violência e destrutividade é o trauma fruto de experiências excessivas que superam a capacidade de metabolização, integração e representação. Evidentemente, qualquer situação de guerra ou de ameaças ligadas a cataclismas é traumática mas sabemos também o quanto pode ser excessivo e traumático o não acontecimento, a indiferença, aquilo que deveria acontecer e não acontece, a experiência de não ter importância alguma para o outro, que priva o indivíduo dessa necessária presença estruturante.

A menina citada faz parte de uma comunidade carente do interesse e investimento que seriam devidos por parte do governo. Seus membros, não espelhados e reconhecidos em suas existências e necessidades, desenvolveram com o ambiente uma relação de desinvestimento e desligamento; querem apenas o mínimo ligado a suas necessidades individuais imediatas sem qualquer preocupação com a dimensão do social que não chega a ser representada como tal. Quando são chamados a contribuir no cuidado do ambiente, reagem de forma ressentida, reclamando do abandono. Investem no desinvestimento. Na verdade, a prefeitura responsável e impune não assume sua responsabilidade social e não parece ter qualquer preocupação a respeito.

Não é estranho que o homem tenha criado e que disponha de meios de destruição para acabar com a vida? Tantas guerras e conflitos levam a temer que o ódio seja mais imediato e mais fácil que a tolerância ou o gesto amoroso, a evacuação mais imediata do que a elaboração. Mas ainda que seja difícil construir, estamos vivos. Isso só mostra, por outro lado, a força da pulsão de vida que ainda que demore e leve tempo, tem nos trazido até aqui. Freud afirma, em “Mal-estar da civilização”, que o desenvolvimento cultural mostra a luta entre Eros e a morte, entre o impulso de vida e o impulso destrutivo e pode ser visto como a luta da espécie humana pela vida.

Freud se refere à pulsão de morte e ao prazer que pode estar associado à agressão como uma disposição de impulsos original e independente. Mas diz também que não se pode condenar todas as guerras em igual medida, porque enquanto houver estados dispostos à destruição de outros, estes outros deverão estar preparados para a guerra.

Enquanto houver estados que afirmam que um outro não deve existir ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que um Estado não pode se constituir de forma independente e soberana, não há dúvida de que as guerras prosseguirão. Poderemos esperar que a humanidade amadureça e que as transformações aconteçam a partir desse amadurecimento ou deveremos contar que as ameaças representadas nas guerras acabem impondo limites de fora para dentro. Será por amor ou por medo.

Além de se constituir pessoa, a conquista da própria identidade exige relações de objeto diferenciadas, onde o direito à autonomia e independência estejam respeitados e assegurados. Onde isso não acontece, onde a relação que se estabelece é de poder e domínio de alguém sobre outro alguém, o resultado esperado é a submissão e um sentimento de humilhação e vergonha, com um ódio profundo que surgirá quando houver possibilidade. Isso vale para as relações entre indivíduos e para as relações internacionais que envolvem as nações.

O ser humano leva tempo para elaborar e aceitar emocionalmente aquilo que ele já sabe intelectualmente e já é capaz de pensar: temos que conviver, não deve haver preferidos nem escolhidos nem pela mãe ou pelo pai numa dimensão familiar, nem por Deus, numa dimensão religiosa, porque isso termina em ódio, guerra e destruição.

Já se observou que o progresso tecnológico e científico não significa progresso do humano, do homem na sua condição humana. Antes de mais nada porque o progresso tecnológico e científico pode pretender não ter limites mas o progresso humano só pode se dar a partir da aceitação da existência de limites. Essa aceitação vai determinar o uso ou o abuso que o homem vai fazer das conquistas dos dois primeiros. No que diz respeito a sua relação com o planeta e numa tentativa de não ter de renunciar ou de não ter de elaborar a própria voracidade e onipotência, o homem pode negar os problemas e questões ambientais que se apresentam e acalantar a idéia de que o que quer que aconteça será resolvido com o próprio desenvolvimento tecnológico ou então que tudo que se anda falando sobre o ambiente não é nada, não existe... Mas mesmo que a tecnologia possa resolver muitas coisas, ela não deve poupar e privar o homem de tomar consciência dos prejuízos do aprisionamento a esse narcisismo mortífero.

Ainda que não seja área da minha competência e conhecimento, enquanto cidadã posso pensar que as crises econômicas que temos vivido também estão ligadas à relação com a voracidade e com a falta de limites e que é de fundamental importância que se possa trabalhar essas questões levando em consideração o determinante destrutivo que faz parte da psicologia do homem.

Rosa Albé
rosaalbe@uol.com.br

Aperj/RIO4